



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

KLEBER WAIRURÃ BARBOSA LIMA XERENTE

**O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ENTRE OS MORADORES DA
ALDEIA FUNIL SAKRÊPRA SOB O OLHAR DOS ANCIÃOS**

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2018

KLEBER WAIRURÃ BARBOSA LIMA XERENTE

O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ENTRE OS MORADORES DA ALDEIA
FUNIL SAKRÊPRA SOB O OLHAR DOS ANCIÃOS

Monografia foi avaliada e apresentada
UFT – Universidade Federal do
Tocantins, Câmpus de Miracema, Curso
de Serviço Social, para obtenção do
título de Bacharel sob a orientação da
Prof.^a Dra. Rosemary Negreiros de
Araújo.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- X6c Xerente, Kleber Wairurã Barbosa Lima.
O consumo de bebidas alcoólicas entre os moradores da aldeia
funil sakrêpra sob o olhar dos anciãos. / Kleber Wairurã Barbosa Lima
Xerente. – Miracema, TO, 2018.
42 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Serviço Social, 2018.
Orientadora : Rosemary Negreiros de Araújo

1. Alcoolização. 2. Povo Akwê-Xerente. 3. Direitos. 4.
Implicações. I. Título

CDD 360

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

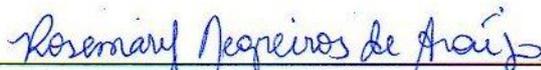
KLEBER WAIRURÁ BARBOSA LIMA XÉRENTE

O CONSUMO DE BEBIDAS ALCÓOLICAS ENTRE MORADORES DA ALDEIA
FUNIL SAKRÊPRA SOB O OLHAR DOS ANCIÃOS

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Miracema, Curso de Serviço Social, para obtenção do título de Bacharel, e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 27 / 04 / 2018

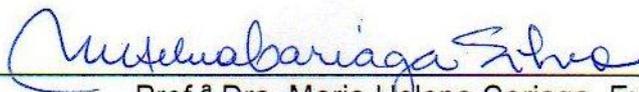
Banca examinadora:



Prof.^a Dra. Rosemary Negreiros de Araújo, Orientadora, UFT



Prof.^a Dra. Layanna Giordana Bernardo de Lima, Examinadora, UFT



Prof.^a Dra. Maria Helena Cariaga, Examinadora, UFT

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus que é Waplokwazawre, como também aos anciãos e anciãs, guardiões de todo o conhecimento da nossa história.

Ao meu querido pai, um grande guerreiro que já nos deixou, mas que enquanto estava entre nós prestou fortes incentivos e inesquecíveis conselhos.

À minha querida esposa, pela paciência em me prestar todo o apoio durante este processo de graduação.

À minha mãe, Dinalva, em especial. A toda a minha família e aos meus irmãos, Ismael e Tiago, que torceram por mim para que eu vencesse esta longa e árdua caminhada de estudos.

À minha orientadora, à coordenadora e demais docentes do curso de Serviço Social da UFT em Miracema do Tocantins.

Aos não mencionados, mas jamais esquecidos.

Tenharétê!

RESUMO

O presente estudo teve como foco de reflexão o consumo de bebidas alcoólicas entre os Akwē-Xerente, a partir do olhar dos anciãos. A prática de beber faz parte dos ritos de diferentes povos. É encarada de acordo com a cultura de cada um deles, seja como um marcador cultural, determinado por fatores como a alegria e a socialização, seja de forma pejorativa, quando é vista somente pela ótica da dependência. A categoria alcoolização foi escolhida em contraponto ao conceito de alcoolismo, o qual desconsidera a realidade sócio-histórica em que o sujeito constrói sua identidade. Esse estudo elege a pesquisa qualitativa como referência metodológica, realizando observação direta e entrevista semiestruturada. No trabalho, o olhar dos anciãos sobre as questões que estão na base do fenômeno da alcoolização entre os indígenas foi muito revelador. Como aprendizado da escrita deste trabalho em diálogo com os anciãos, destaca-se o reconhecimento da relevância do aprofundamento do estudo sobre o povo Xerente desde o passado, da valorização da nossa cultura, da análise da alcoolização frente aos ataques que esses indígenas sofrem, da importância dos conhecimentos dos anciãos do povo na partilha de lembranças, sonhos, mitos, história e conhecimentos gerados ao longo do tempo para as gerações presentes, pensando o futuro como algo que se prepara no hoje. Espera-se que o trabalho seja um estímulo para novas pesquisas com vistas a um estudo mais aprofundado sobre a temática e a construção coletiva de enfrentamento da alcoolização e da afirmação dos direitos dos povos indígenas ao território e a uma vida digna.

Palavras-chave: Povo Akwē-Xerente. Bebidas fermentadas e destiladas. Alcoolização e alcoolismo. Direitos.

ABSTRACT

The present study focused on the consumption of alcoholic drinks among the Akwē-Xerente, from the perspective of the elderly. The practice of drinking is part of the rites of different peoples. It is viewed according to the culture of each of them, either as a cultural marker, determined by factors such as joy and socialization, or pejoratively, when viewed only from the perspective of dependence. The alcoholization category was chosen in opposition to the concept of alcoholism, which disregards the socio-historical reality in which the subject builds his identity. This study selects qualitative research as a methodological reference, performing direct observation and semi-structured interview. At work, the elders' gaze on the issues underlying the phenomenon of alcoholization among the natives was very revealing. In order to learn how to write this work in dialogue with the elders, the recognition of the importance of deepening the study of the Xerente people from the past, of valuing our culture, of the analysis of alcoholism in the face of the attacks that these Indians suffer, of the importance of the knowledge of the elders of the people in the sharing of memories, dreams, myths, history and knowledge generated over time for present generations, thinking of the future as something that is prepared in today. It is hoped that the work will be a stimulus for further research with a view to a more in-depth study on the theme and the collective construction of coping with alcoholization and affirmation of the rights of indigenous peoples to the territory and to a dignified life.

Keywords: Akwē-Xerente people. Fermented and distilled beverages. Alcoholism and alcoholism. Rights.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Extração de angico e jatobá	22
Figura 2 Extração de Mandioca para o preparo de bebida	23
Figura 3 Colheita de milho para bebida.....	24
Figura 4 Ritual de corrida de Tora.....	25
Figura 5 Ritual de Cauinagem.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PERCURSO METODOLÓGICO	13
3 POVOS INDÍGENAS E ALCOOLIZAÇÃO	18
4 POVO AKWE-XERENTE E O USO DE BEBIDAS	22
4.1 O consumo de bebidas como acontecimento educativo	26
4.2 As bebidas destiladas entram em cena: dos engenhos para as aldeias .	28
4.3 O olhar dos anciãos sobre o consumo de bebidas destiladas: os sonhos já diziam “a bebida alcoólica não é dos indígenas”	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Consumir bebidas alcoólicas faz parte dos ritos de distintos povos do mundo, de indígenas e não indígenas. Constitui, portanto, um marcador cultural quando pensamos nas diversas formas de produção e socialização da bebida. São ritos marcados por alegria e socialização. Mas a prática de beber é, também, um problema quando limites são ultrapassados, e a bebida deixa de ser uma dimensão do rito para se configurar como a centralidade da festa e da vida. Neste trabalho, procuro mostrar quando o uso da bebida se torna um problema social. Realizada na aldeia Funil – Sakrêpra, localizada na área de mesmo nome (Área Funil), a pesquisa tem como finalidade abordar o consumo de bebidas alcoólicas na aldeia indígena Funil e região – Sakrêpra, a partir do olhar dos anciãos.

Os Xerente, autodenominados *akwẽ* (gente importante), são classificados, sob o ponto de vista da linguística, como pertencentes ao tronco Macro-Jê e formam, com os Xavante (Mato Grosso) e com os Xacriabá (Minas Gerais), a família linguística Jê Central. O território Xerente localiza-se na margem direita do rio Tocantins, município de Tocantínia (TO), a 70 km ao norte da capital do estado, Palmas (MELO; GIRANDIN, 2012, p. 178).

As primeiras referências sobre os Xerente datam do século XVIII. O contato com a sociedade não indígena foi, em grande medida, impulsionado pela intensificação das Bandeiras que adentraram o interior do Brasil em busca de jazidas de ouro na região do Tocantins e do Araguaia (MELO & GIRALDIN, 2012, p. 178).

Existem informações de que os Xerente que habitavam as caatingas do médio Tocantins, entre os rios Manuel Alves Grande e Manuel Alves Pequeno e nos sertões do Duro, quando foram submetidos, em 1810, por Fernando Delgado Freire de Castilho, que governou Goiás de 1809 a 1820. Viveram ainda acima da cachoeira de Lajeado, no Tocantins, até os sertões do Duro, entre o Rio Preto e Maranhão, onde tinham sete aldeias: são valentes e trabalhadores” (SCHROEDER, 2000, p. 67).

Os Xerente habitaram a região do médio Tocantins, que foi palco de um período de conflitos extremamente violentos até 1850, quando esses indígenas foram aldeados pelos freis capuchinhos Raphael de Taggia e Antonio de Ganges,

em Tereza Cristina, localidade que em 1851 passou a se chamar Piabanha, hoje Tocantínia (MELO & GIRALDIN, 2012, p. 178).

Os Xerente viviam nessa região que hoje é o município de Tocantínia e em municípios circunvizinhos. Durante o século XIX, viviam das atividades da caça, pesca e agricultura. A região possuía muitos engenhos de produção de cachaça e outros produtos, como a rapadura. Essa produção, que, segundo alguns relatos, contava com o trabalho de indígenas nos engenhos de cachaça, articulada ao crescente contato dos povos indígenas com a sociedade Nacional, contribuiu para a circulação de bebidas destiladas entre os Xerente.

A ingestão de bebidas fermentadas, produzidas coletivamente a partir de produtos como a mandioca e o milho, constitui parte dos rituais elaborados pelos povos indígenas no Brasil e no mundo. Nesse contexto, como mencionado, o ato de beber é um rito coletivo, carregado de simbolismos ligados ao divertimento, ao sagrado e à política, como aponta o autor abaixo relacionado,

A fabricação de bebidas fermentadas iniciou com a própria humanidade e com a criação da vida ritualizada. Os ingredientes, o modo de preparar, e a maneira de tomar variam entre cada grupo étnico. Entre os índios do sul da América, o uso ritual e social das bebidas fermentadas é ligado ao sagrado, ao divertimento, e em certos casos à política. O rito de beber pode fazer parte da expressão da própria sociedade, de sua manifestação ante o divino e a consciência coletiva (LANGDON, 2001, p. 85).

O povo *Akwẽ* conheceu algumas bebidas à base de fermentação, preparada com frutas, entre elas o caju e o milho. Essas bebidas possuem baixíssimo teor alcoólico e são muito utilizadas pelos povos indígenas brasileiros em rituais, com a função de celebrar e conciliar as pessoas do grupo, e não de desagregar, como ocorre com alguns consumidores de bebidas à base de álcool destilado.

Observando, nos últimos tempos, a chegada da bebida à base de álcool em nossas aldeias e as preocupações que esse evento desencadeou entre nós Xerente, interessou-me compreender como as bebidas alcoólicas passam a fazer parte do cotidiano das aldeias, impulsionando efeitos sociais negativos entre nosso povo. A comunidade teme que essa prática venha a aumentar e se torne comum nessa aldeia, principalmente entre adolescentes. A aldeia fica situada próxima à cidade de Tocantínia, o que facilita a entrada de bebidas nessa e em outras aldeias indígenas *Akwẽ*-Xerente bem como o acesso de usuários a essa cidade.

Nesse contexto, o trabalho resulta do cruzamento entre minha origem *Akwẽ*-Xerente e minha trajetória de vida profissional, marcada pelo trabalho nos Distritos Sanitários Especiais Indígenas – DSEI, em Tocantínia. Desse cruzamento, surgiram muitas inquietações em torno do tema, ampliadas a partir do amadurecimento reflexivo propiciado pelo meu ingresso no Curso de Serviço Social da UFT.

Quando criança e, também, quando jovem, morava na aldeia Porteira, situada na Área Indígena Xerente, localizada cerca de 20 km da cidade de Tocantínia. Na época, os moradores de lá tinham ainda pouco contato com a cidade. Em minha convivência com outras crianças e adultos, recordo com saudades das manifestações culturais, dos rituais, como o *Dasĩpê*, que é a principal festa cultural de meu povo, uma festa que reúne todos os rituais dos *Akwẽ*. Uma festa onde a bebida não é sinônimo de sofrimento, desagregação e desrespeito. O que mudou de lá para cá? Quando o hábito de beber virou um problema? Quais efeitos sociais o consumo de bebidas destiladas desencadeia entre nós? Qual o papel do Estado, através da política de saúde, no enfrentamento dessa problemática? Essas são algumas das inquietações que me levaram a definir esse tema como objeto de investigação para a elaboração do meu trabalho de conclusão do curso (TCC).

Dessa forma, ao definir como objetivo da pesquisa abordar o consumo de bebidas alcoólicas na aldeia indígena Funil e região – *Sakrêpra*, a partir do olhar dos anciãos, deparei-me com a dificuldade de tratar uma temática que envolve uma análise complexa, envolta em preconceitos e discriminações. Além disso, durante a realização do estudo percebemos que pouco se tem pesquisado sobre esse tema na nossa região e, principalmente, na nossa comunidade acadêmica, o que torna ainda mais difícil a abordagem da problemática.

Considerando a estigmatização do alcoolismo na sociedade nacional e, em especial, nas sociedades indígenas, opto neste estudo por trabalhar com o conceito de alcoolização em contraponto ao conceito de alcoolismo, sobretudo quando este último é restritivamente “entendido como uma doença crônica, fatal, progressiva e com apresentação similar em qualquer contexto social” (SOUZA; GARNELO, 2007, p. 1640).

O conceito de alcoolização abre uma perspectiva histórica apontando para a variabilidade das formas de beber e, de acordo com o autor abaixo, ele compreende

o conjunto de funções e consequências positivas e negativas que cumpre a ingestão de álcool para conjuntos sociais estratificados, e não apenas o estudo dos alcoólicos dependentes, nem os excessivos, nem os moderados, nem os abstêmios, mas sim o processo que inclui a todos e que evita considerar o problema em termos de saúde e/ou enfermidade mental (MENEDEZ, 1982, p. 63).

O conceito permite, portanto, perceber as múltiplas formas que o hábito de beber assume na vida de cada sociedade, e os distintos efeitos, positivos e negativos. Insere a ingestão de bebida como dimensão cultural e ajuda a romper com uma leitura universal do processo, em especial, nas abordagens antropológicas, como analisam os autores abaixo,

Uma das principais colaborações da antropologia ao tomar como objeto de estudo a questão do uso de bebidas alcoólicas foi demonstrar a variabilidade cultural das formas de beber, permitindo o questionamento de conceitos, modelos e teorias que interpretam o fenômeno como um invariante universal (SOUZA; GARNELO, 2007, p. 1640).

A Antropologia, junto com a História e o Serviço Social, permite, também, situar o contexto sócio-histórico de ataques aos direitos humanos dos povos indígenas, tornando-os coletivamente vulneráveis a várias formas de extermínio, como afirmam os autores,

Cabe lembrar que a expansão das frentes econômicas (trabalho assalariado temporário, projetos de desenvolvimento, frentes de extrativismo), tem ameaçado drasticamente a integridade do ambiente em que vivem as etnias indígenas, bem como seus saberes, sistema econômico e organização social. Ao longo do tempo, com o processo de colonização e ocupação territorial nacional, os grupos indígenas foram drasticamente reduzidos a várias formas de extermínio: o aprisionamento, a escravidão, as epidemias que resultaram em importante redução e desaparecimento completo de várias etnias (GUIMARÃES; GRUBITS, 2007, p. 46).

As violações de direitos humanos e territoriais a que estão submetidas historicamente as etnias indígenas brasileiras constituem importante chave de leitura para a compreensão da alcoolização como um fenômeno que cresce entre os povos indígenas.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para fazer uma pesquisa, é importante construirmos um método. E sobre método, aprendemos que é como um caminho, uma trilha que escolhemos para andar em busca do que queremos. Para a construção desta pesquisa, trilhei diferentes caminhos, embora sempre com um objeto de estudo em mente e que me inquietava: a questão da bebida alcoólica entre meu povo. Durante a elaboração do projeto de pesquisa, portanto, já tinha em mente a intenção de estudar sobre a relação dos Xerente com as bebidas alcoólicas.

Fui aos poucos encontrando meu caminho de pesquisa, mas não esperava que fosse tão difícil abordar esse tema. Em princípio, queria chegar junto aos usuários de bebidas para identificar os problemas sociais que eles enfrentavam pelo uso excessivo de álcool, mas faltou tempo, tempo de amadurecimento das ideias, das técnicas de pesquisa para abordar o tema com os sujeitos da pesquisa, e mesmo o tempo do relógio que rege os prazos para o término do trabalho. Por isso, foi preciso rever as rotas e redefinir o ponto de chegada. Sabendo que não daria conta de priorizar os usuários de bebidas neste estudo que aqui realizo (quem sabe possa fazer isso em uma futura especialização), optei por fazer uma abordagem da alcoolização entre os Xerente a partir da leitura que os anciãos fazem sobre os impactos do consumo de bebida, principalmente entre os mais jovens. Embora em alguns momentos conste a fala de alguns desses usuários que se disponibilizaram a colaborar com a pesquisa, o foco será o olhar dos anciãos sobre a problemática.

Já faz alguns anos que minha preocupação é estudar sobre essa relação dos *Akwẽ* com a bebida, numa perspectiva de que a bebida não é algo nosso, mas é algo que, como muitas outras coisas, veio de fora para dentro. Para chegar a esse problema de pesquisa, como já mencionei, foi determinante minha experiência como motorista do DSEI. Exerci essa atividade entre os anos de 2016 e 2017, período em que passei a observar e conversar com frequência com alguns usuários de álcool e suas respectivas famílias. Mas foram nas falas dos anciãos que me apoiei para escrever esta monografia, tendo em vista que eles trazem o conhecimento da cultura e a tradição diz que devemos respeitar essa cultura, esses conhecimentos. Nesse sentido, procuro fazer uma relação entre o tradicional e o atual, a partir das leituras e dos aprendizados adquiridos durante a realização do curso de Serviço Social.

Este estudo me deixou ciente do quanto minha experiência de vida, o que já acumulei até aqui, o que aprendi com meus avós, pais, tios, irmãos e amigos, com todo o meu povo *Akwẽ* e também com outros povos indígenas, nas festas, manifestações, reuniões e, por último, no curso de Serviço Social e na vivência cotidiana na Universidade como um todo, foram fundamentais para elaborar meu arquivo de saberes e conseqüentemente para a escrita deste texto. Para a construção do arquivo, respaldei-me nas ideias de C. Wright Mills (2009), autor que considera o estudioso enquanto um artesão, que constrói seu artesanato intelectual ao longo de sua vida. Segundo Mills (2009), o artesanato intelectual é idealizado como uma satisfação de trabalho, não estando dissociados, na mente do trabalhador, do produto do trabalho. Nessa relação, o artesão é livre para controlar sua própria arte.

Entendendo que o artesão é aquele que faz o seu trabalho com cuidado, dedicação, paciência e também com criatividade, foi assim que procurei fazer meu trabalho de conclusão de curso. O artesão é livre para controlar sua própria atividade, livre para aprender com seu trabalho, para usar e desenvolver suas capacidades e habilidades na execução do seu trabalho. O artesão não conhece ruptura entre trabalho e diversão, entre trabalho e cultura, e esse é o modo como ganha o seu sustento, impregna, enfatiza o autor. Ao escolher estudar o meu povo, considerando minha experiência profissional e minha formação acadêmica, vivenciei essa integração tão bem estudada e proposta por Mills. E quero seguir organizando meu arquivo como parte do novo caminho que passarei a seguir como assistente social.

O Serviço Social é uma profissão de caráter interventivo, questionador da realidade e dialógico com diferentes áreas do conhecimento e com grupos, povos e comunidades tradicionais, a exemplo de povos indígenas. Dessa forma, este estudo configura um exercício de reflexão e diálogo, como prática cotidiana de um assistente social.

Nessa direção, o Serviço Social, nos últimos anos, vem se aproximando da “questão social” dos povos indígenas. O Conselho Federal de Serviço Social lançou seu primeiro manifesto em defesa dos povos indígenas, reafirmando seu compromisso com a garantia de direitos a esses povos e ressaltando a necessidade de discussão e de luta pelo acesso às políticas públicas de apoio as diversas etnias, frente ao avanço do neoliberalismo (CFESS, 2011).

A pesquisa utilizada neste estudo tem abordagem qualitativa, tendo levado em consideração os sujeitos da pesquisa, os consumidores de bebidas alcoólicas e suas respectivas famílias. A opção por esse tipo de abordagem levou em conta que

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (SILVEIRA & PEIXOTO, 2009, p. 31).

Assim, a pesquisa qualitativa nesta investigação permitiu o uso de diferentes tipos de técnicas, que começou pela observação direta. A observação foi utilizada a fim de extrair diretamente dos sujeitos da pesquisa informações através da interação entre o pesquisador e o pesquisado, para compreender o problema a ser estudado.

Na pesquisa qualitativa os sujeitos da pesquisa e sua realidade configuram eixo central da análise. Essa forma de abordagem metodológica lida com a interpretação das realidades sociais, tendo como um dos instrumentos mais conhecidos a entrevista em profundidade (BAUER & KASKEL, 2008, p. 23).

Dada a nossa dificuldade, já partilhada, em abordar o tema diretamente com os usuários de bebida, elegemos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, por considerarmos que esse método permitiria uma melhor aproximação com os interlocutores desta pesquisa, abrindo caminhos para uma conversa face a face, condição que a aplicação de um questionário não permitiria, como aponta Richardson:

A melhor situação para participar na mente de outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos. Esse tipo de interação entre pessoas é um elemento fundamental na pesquisa em Ciências Sociais, que não é obtido satisfatoriamente, como já foi visto, no caso da aplicação de questionários (RICHARDSON, 2012, p. 207).

Sendo assim, a pesquisa qualitativa, a observação direta e a entrevista semiestruturada configuraram o caminho para a compreensão e análise da problemática do alcoolismo entre o povo indígena analisado.

Para a escolha dos sujeitos da pesquisa, os indígenas “envolvidos” em situação de alcoolismo e suas respectivas famílias, na aldeia em questão, e os

anciãos, a quem recorremos como interlocutores com vistas a perceber como observam o fenômeno da alcoolização, levamos em consideração a situação de confiança estabelecida entre o pesquisador e esses sujeitos, além de condições que permitissem a confidencialidade dos dados construídos e dos entrevistados. Consideramos o que determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde com referência à pesquisa que envolve seres humanos, nos aspectos éticos:

A respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, 2012, p. 3).

Ao tratar sobre a alcoolização entre os indígenas sob olhar dos anciãos buscamos uma abordagem mediada pelo método dialético. Ou seja, investigamos a realidade em profundidade, enquanto processo dialético, no qual

[...] as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está “acabada”, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro (MARCONI & LAKATOS, 2008, p. 83).

Dessa forma, o caminho para a compreensão da realidade da aldeia Funil foi tomada enquanto um processo permanente de construção e desconstrução.

A opção por realizar essa identificação a partir das narrativas de anciãos e anciãs do povo Xerente teve como motivação o fato de que os mais velhos são considerados guardiões da história e do conhecimento do povo *Akwẽ*.

Articulando técnicas como revisão bibliográfica, levantamento de dados através de observação direta e realização de entrevistas, optamos na pesquisa pela ilustração por meio de desenhos que buscam destacar as peculiaridades do povo Xerente e como eram preparadas as bebidas típicas, que, segundo os anciãos, eram servidas em potes de cabaças em festas e momentos especiais do povo.

Em síntese, a pesquisa buscou dialogar com os anciãos para perceber como a alcoolização entre os indígenas afeta a vida da comunidade nas diversas interações sociais, nas festas tradicionais, no convívio com a família, e amplifica questões como a violência. Considerando que, ao pesquisar, o pesquisador também provoca a comunidade, a academia e as demais instituições, espera-se que este

trabalho colabore com outras pesquisas sobre o uso abusivo do álcool nas comunidades indígenas.

Nesse contexto, deseja-se que a Universidade Federal do Tocantins – UFT, por meio de cursos, de pesquisas e de outras ações como ensino e extensão, abra espaços para que cada vez mais os indígenas sejam ouvidos e compreendidos, a fim de dar visibilidade às vozes que, muitas vezes não são ouvidas, tampouco compreendidas. Enfim, espera-se produzir conhecimento visando solucionar problemas e afirmar os direitos dos povos indígenas.

O trabalho está organizado em 3 capítulos histórico-teóricos. O 1º capítulo teórico constitui a presente Introdução, onde é feita uma caracterização do povo *Akwẽ-Xerente*, situando esse povo no tempo e espaço, para em seguida apresentar o percurso metodológico que orientou a realização da pesquisa. Destacam-se a elaboração do projeto, o tipo de pesquisa escolhido, e as dificuldades encontradas, para situar a forma como passou-se a conceber o pesquisador como um artesão que produz seu artesanato (MILLS, 2009).

O 2º se organiza em torno de como se dá o processo de alcoolização entre os povos indígenas, partindo do pressuposto de que na sociedade brasileira o uso do álcool, culturalmente, está associado às comemorações festivas e ao lazer, como ocorre no mundo inteiro, eventos nos quais a bebida alcoólica é aceita e não é vista como um problema. Busca-se, então, situar a linha tênue que separa essa condição daquelas em que os códigos de sociabilidade da ingestão de bebidas são quebrados, gerando o consumo excessivo de álcool, que passa a ser visto de forma pejorativa, posto que indica o risco da dependência, que afeta todas as classes sociais em diferentes culturas.

O 3º aborda-se o uso de bebidas pelo povo *Akwe-Xerente* desde as bebidas fermentadas, utilizadas em seus rituais e como acontecimento educativo, até as bebidas destiladas, caso da cachaça, presentes no processo de alcoolização de alguns indígenas. Em seguida, dialoga-se com o olhar dos anciãos sobre o consumo de bebidas destiladas, abordando a importância dos sonhos que já diziam que “a bebida alcoólica não é dos indígenas”.

Nas considerações finais são retomadas as questões centrais construídas durante a pesquisa num esforço de síntese e apontamento para futuras análises do tema.

3 POVOS INDÍGENAS E ALCOOLIZAÇÃO

Na sociedade brasileira, o uso do álcool, culturalmente, está associado às comemorações festivas e ao lazer, como ocorre no mundo inteiro. Nessas ocasiões, o álcool é aceito e não é visto como um problema. Afinal, como indicam os seguintes autores:

[...] o álcool é a droga mais amplamente utilizada no mundo, nas mais diferentes culturas. [...] o consumo de substâncias que possuem a capacidade de alterar estados de consciência e modificar o comportamento parece ser um fenômeno universal da humanidade (GUIMARÃES; GRUBITS, 2007, p.46 *apud* LACERDA, 1999).

No entanto, em cada cultura, esse consumo é regido por códigos de sociabilidade, e quando esses códigos são quebrados, como no caso da ingestão excessiva de bebidas, o álcool passa a ser visto de forma pejorativa, pois indica o risco da dependência, tão nefasta para todas as classes sociais em culturas distintas.

A dependência de álcool é majoritariamente abordada a partir do conceito de alcoolismo, que focaliza o indivíduo como centro do problema e a doença como uma condição para a qual não se tem cura, como analisa o autor,

Segundo a ótica da biomedicina, o alcoolismo vem sendo definido como uma doença que se manifesta igual em todas as culturas. O enfoque é o indivíduo, que tem uma dependência biológica, o que resulta em comportamento desviante trazendo assim muitas consequências negativas para ele e seu grupo. Segundo a psicologia, a dependência ocorre no nível individual também e é atribuída às causas psíquicas. Ambas as ciências concordam que, uma vez instalada, não há cura. A única solução é a abstenção, reconhecendo que o alcoólatra que deixa de beber não é considerado curado; ele é simplesmente um alcoólatra em recuperação (LANGDON, 2001, p. 84).

Embora essa concepção venha recebendo várias leituras críticas que apontam para a importância de considerar que

[...] quando estamos frente a um problema coletivo que caracteriza certas comunidades, como o caso de várias comunidades indígenas, é necessário deslocar o alcoolismo do campo universal/individual/causa única para o campo cultural/coletivo/multifatorial (LANGDON, 2001, p. 84).

Nesse sentido, a alcoolização foi a categoria escolhida neste estudo por corroborarmos o pensamento de Sousa e Garnelo (2007), que apontam que o termo alcoolismo é estigmatizador, não define a dependência do álcool e nem está mais presente nos códigos de doenças internacionais, e não pode ser abordado sem a articulação com o contexto sócio-histórico em que o indivíduo constrói sua identidade como coletivo. Em síntese,

[...] a maneira de beber, quando beber e quanto beber nas culturas indígenas têm sido definidos pela etnia específica, e que o consumo de bebidas fermentadas é uma manifestação das atividades construtivas para o grupo social, expressando sensações e valores particulares. (LANGDON, 2001, p.87).

A alcoolização, segundo as definições da Organização Mundial da Saúde se caracteriza pelo

[...] estado psíquico e, também, geralmente físico, resultante da ingestão do álcool, caracterizado por reações de comportamento e outras que sempre incluem uma compulsão para ingerir álcool de modo contínuo ou periódico, a fim de experimentar seus efeitos psíquicos e por vezes evitar o desconforto de sua falta, a tolerância ao mesmo podendo ou não estar presente (Organização Mundial da Saúde, 1965 apud SOUSA et al., 2005).

A alcoolização, segundo a corrente antropológica, não se explica somente pelos fatores biomédicos; é necessário ir além e também levar em consideração fatores sociais que estão por trás desse fenômeno:

Uma perspectiva antropológica considera a interpretação do problema do alcoolismo não em termos de uma doença e, portanto não sendo necessariamente indicado um tratamento. Nesse sentido, surge um questionamento das posições biologicistas, destacando a necessidade de considerar o contexto social e cultural (AURELIANO e MACHADO JR, 2012).

Os dados apontam que uma grande parcela da população indígena sofre do problema da alcoolização, como aponta o relatório da Agência Brasil de 2007:

Os dados sobre os indígenas brasileiros indicam que 38,4% consomem álcool, e, desse total, 49,7% gostariam de parar de beber, mas não conseguem – 46% chegaram a pedir ajuda, sem sucesso. O consumo de álcool é considerado "um grande problema" nas tribos indígenas, segundo a Secretaria Nacional Antidrogas (AGÊNCIA BRASIL, 2007).

Diante do quadro grave de dependência do álcool por populações indígenas, o governo federal reconheceu, por meio do Ministério da Saúde, a necessidade de elaborar políticas públicas voltadas para esse fenômeno, no Seminário sobre Alcoolismo e DST-AIDS entre Povos Indígenas realizado em 2001. O relatório aponta que

[...] existe a necessidade e a importância da discussão da problemática do consumo de álcool entre os povos indígenas, assim como seu enfrentamento, visto ser esta uma questão que vem trazendo sérios transtornos dentro das aldeias indígenas, seja do ponto de vista patológico, como estrutural, social e cultural [...]. Para qualquer ação de intervenção em relação à redução de danos, se faz necessário entender a especificidade cultural e histórica de cada grupo, assim como o significado do ato de beber para cada indivíduo ou etnia (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

Quando abordamos o tema da alcoolização, é necessário explicitar as implicações sociais desse fenômeno, como a violência, a perda do convívio familiar, social e a questão do preconceito, que já é presente na relação do indígena com o não indígena.

Assim, para compreendermos quando o ato de beber se torna um problema é necessário conhecermos o contexto cultural para não reproduzirmos preconceitos que tendem a estigmatizar os indígenas, como o fato de o governo federal, através da Funai, estabelecer a proibição do uso do álcool de todo e qualquer indígena, não considerando que em todas as culturas o álcool também pode estar associado às comemorações festivas. Sobre esse equívoco, Garnelo e Pontes (2012) criticam a política de restrições imposta sobre o uso do álcool por populações indígenas, considerando-a ineficaz e passível de gerar mais preconceito contra os povos indígenas, mantendo-os ainda sob uma tutela que não tem a visão de emancipar ou fazer o enfrentamento do problema da alcoolização, mas tende a reforçar o meio de dominação que a sociedade não indígena sempre impôs aos povos indígenas.

Ainda argumenta Silva:

[...] Práticas e políticas que desconsideram o protagonismo e a capacidade crítica dos povos indígenas não são reconhecidas como legítimas e, conseqüentemente, não repercutem positivamente no cotidiano do grupo (SILVA, 2015, p. 229).

A alcoolização entre os indígenas não é tratada como doença. Por isso, não há uma política do Estado direcionada à saúde para prestar assistência aos

indígenas e suas famílias que sofrem com o problema do alcoolismo. O que se conhecem são ações desenvolvidas por parte do que pode ser chamado de “voluntarismo” de alguns organismos que não são da esfera do Estado, e sim das Igrejas e ONGS, por exemplo.

No tocante ao papel do Estado em relação à saúde indígena, há uma demanda crescente para que os profissionais de saúde realizem atividades de prevenção fora do escopo das doenças infecciosas. Os próprios indígenas, através de seus representantes, encaminham solicitações para o atendimento necessário (SOUZA, 2012, p. 110).

Entre os profissionais de saúde há posturas divergentes em relação ao trato com a questão que envolve o consumo do álcool. Há profissionais com um olhar culturalmente sensível, podendo ser identificadas duas posturas: numa delas, os profissionais entendem que “nada têm a ver com a situação”, enquanto na outra alegam “ser complicado fazer tudo sozinho, fica difícil” (Ibid.)

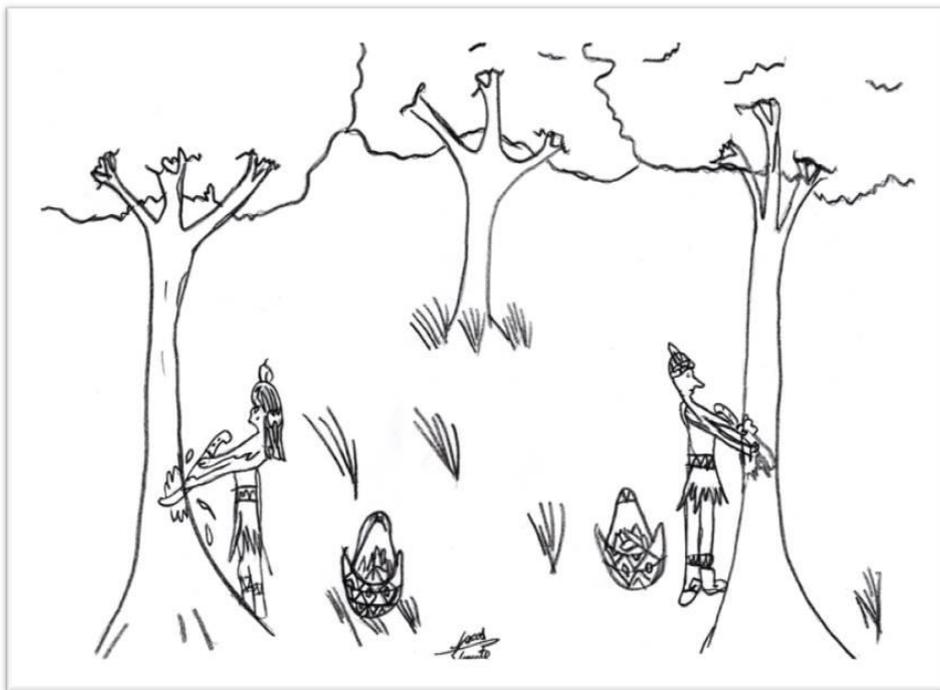
Fica evidente que é preciso avançar mais em relação ao enfrentamento dado à alcoolização pelos governantes e pela sociedade em geral, avançar para além da perspectiva tutelar sobre os povos indígenas e buscar uma solução que englobe todo o contexto social e cultural.

4 POVO AKWE-XERENTE E O USO DE BEBIDAS

Em relação à utilização de bebidas, os Xerente, ao longo do tempo, foram modificando a forma de uso e o tipo de bebida. Como já mencionado, utilizavam, no passado mais remoto, as bebidas fermentadas, como as produzidas com as frutas do cerrado, como o caju, e também com que era produzido em roças, a exemplo da mandioca e do milho, e ainda com as cascas de pau colhidas no mato, como as cascas de angico, entre outras. As bebidas fermentadas são aquelas que se fabricam empregando somente o processo de fermentação, no qual um micro-organismo chamado levedura transforma o açúcar do ingrediente usado em álcool¹.

O angico e o jatobá são naturais do cerrado e produzem frutas em estações específicas. As bebidas produzidas a partir dessas árvores, em especial, a partir de suas cascas, eram muito utilizadas para fins medicinais. A Figura 1 demonstra o processo de retirada da casca das referidas espécies.

Figura 1 Extração de angico e jatobá



Fonte: Lucas Xerente, 2018.

¹ Informações contidas no link: <http://www.jacomar.com.br/artigos/as-diferencas-entre-bebidas-fermentadas-e-destiladas/>.

A mandioca é uma espécie muito presente tanto na preparação de bebidas como de alimentos, sendo fundamental para o sistema sociocultural e para a segurança e soberania alimentar dos povos indígenas. Com ela se produzem muitos alimentos: farinha, tapioca, beiju, entre outros. Relatos de pessoas idosas da Aldeia Funil destacam que antigamente os indígenas não sabiam a diferença entre a mandioca mansa e a brava, esta última imprópria para o consumo, responsável pelo registro de óbitos. Saber manusear e diferenciar os tipos de mandioca é um importante conhecimento tradicional passado de geração a geração. A figura 2 ilustra a extração de mandioca feita, principalmente, pelos primeiros indígenas do povo Xerente.

Figura 2 Extração de Mandioca para o preparo de bebida



Fonte: Lucas Xerente, 2018.

O milho constitui outra importante espécie cultivada pelos povos indígenas, que detém um importante acervo de sementes de variedades próprias de suas etnias. A preservação dessas sementes é fundamental para o patrimônio genético das espécies cultivadas no território brasileiro e para a soberania alimentar e cultural do nosso povo. Os Xerente usam o milho para a alimentação e, também,

usavam-no para o preparo de bebida tradicional utilizada nos rituais de seu povo. A Figura 3 ilustra a colheita do milho.

Figura 3 Colheita de milho para bebida



Fonte: Lucas Xerente, 2018.

O povo *Akwẽ-Xerente* tem o costume de realizar todos os anos, geralmente no verão (tempo de seca), uma festa de nomeação das crianças, momento no qual os nomes que receberam dos pais são reconhecidos publicamente pelos membros da aldeia. No ritual de nomeação, cada criança recebe um padrinho e uma madrinha e realiza uma dança acompanhada do padrinho ou madrinha do sexo oposto. Durante o rito, vão percorrendo um corredor por toda a aldeia e cada dança equivale ao significado do nome. Esse padrinho e essa madrinha acompanharão a criança no decorrer de toda a vida. Após a apresentação das crianças, são servidas bebidas típicas, preparadas com base nas espécies citadas anteriormente.

Em cada evento, como no Ritual de Nomeação e em outros, é realizada a “Corrida de Tora”, expressa na Figura 4, realizada da seguinte forma: formam-se grupos de jovens de cada clã, os quais disputam corrida competitiva, levando uma

tora de buriti no ombro, ocasião em que são oferecidos alguns pratos típicos para os vencedores.

Figura 4 Ritual de corrida de Tora



Fonte: Lucas Xerente, 2018.

A bebida aparece como parte desses rituais, dialogando com a cultura dos povos indígenas, compreendendo, em sua diversidade, o manuseio de espécies de ervas e frutas para produção de bebidas fermentadas. O tipo, o momento e a quantidade de bebida são definições realizadas a partir dos códigos de sociabilidade de cada etnia, como argumentado abaixo,

[...] a maneira de beber, quando beber e quanto beber nas culturas indígenas têm sido definidos pela etnia específica, e [...] o consumo de bebidas fermentadas é uma manifestação das atividades construtivas para o grupo social, expressando sensações e valores particulares (LANGDON, 2001, p. 87).

Nos rituais, e regido pelas regras de sociabilidade de cada etnia, o consumo de bebida é visto de forma positiva, como parte do ato de celebrar. Em alguns casos, o ato de beber configura acontecimento educativo, caso das beberagens do Povo indígena Tupinambá, apresentado no próximo item, ainda que de forma breve, para exemplificar um caso de uso afirmativo da bebida fermentada entre os povos indígenas.

4.1 O consumo de bebidas como acontecimento educativo

Especificamente considerando os costumes do povo indígena Tupinambá, Albuquerque (2012) destaca seu interesse em pesquisar os atos de beberagem, que é o termo usado por ela para classificar o uso de bebida fermentada pelos indígenas dessa etnia, cujo foco recai sobre o fato de que essas beberagens são consideradas acontecimentos educativos, pois tradicionalmente fazia-se circular um conjunto de saberes atrelado ao ato de beber. Albuquerque (2012) procura em sua literatura fazer uma articulação interdisciplinar entre os domínios da educação, da história da antropologia e arqueologia, dando ênfase a saberes que não fazem parte do ensino escolar:

[...] espera-se com esse livro, além do resgate histórico de uma experiência educativa amplamente desenvolvida, [...] delinear um campo de estudos sobre a educação no qual os saberes cotidianos estejam contemplados, alargando, com isso, a concepção corrente de educação que a restringe aos saberes formais e sistematizados do mundo escolar (ALBUQUERQUE, 2012, p. 43).

Apesar de o Tupinambá não ser o foco desta pesquisa, vale destacar algumas peculiaridades sobre esse povo, que reverbera outra abordagem sobre o uso de bebida fermentada, também importante de divulgar. Fausto (2008, p. 383) apud Albuquerque (2012, p. 47) enfatiza que o termo “Tupinambá” se refere a todo conjunto tupi da costa brasileira, que forma uma nação de gentios da língua tupi.

Para os Tupinambá, temos Tupiniquim no litoral e planalto paulistas, Espírito Santo e sul da Bahia; Tupinambá em sentido estrito no vale do Paraíba, na costa do norte de São Paulo a Cabo Frio e do Recôncavo baiano à foz de São Francisco; Caeté, daí até Paraíba, e Potiguar no Ceará, entre outros termos. No século XVII, os cronistas falam dos Tupinambá no Maranhão, Pará e ilha de Tupinambarana, afirmando serem migrantes fugindo às conquistas do litoral (FAUSTO, 2005, p. 75 apud ALBUQUERQUE, 2012, p. 47).

Sob uma perspectiva epistemológica, Albuquerque (2012) procura dar destaque ao consumo de bebida, especificamente o cauim, como uma prática educacional não escolar. Segundo a autora, “as práticas de beber articulam-se ao contexto mais amplo do estudo das práticas alimentares, práticas estas, por sua vez, inseridas nas estruturas do cotidiano dos diferentes grupos humanos” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 53).

Albuquerque (2012, p. 56) afirma que o cauim era a bebida predileta dos Tupinambá, feita a partir de produtos como a mandioca, o milho, ou ainda o caju e o ananás. Dessa forma, a autora também ressalta que sua intenção é alargar o olhar sobre as plantas e bebidas de modo a perceber a alimentação como um fato educativo.

Sobre o uso do fumo e de bebidas entre o povo Tupinambá, Albuquerque (2012, p. 59) afirma que “na convicção indígena essa prática possibilitava a inteligência nas deliberações políticas, a memória, a comunicação oral e outras virtudes pedagógicas”. Albuquerque (2012 p. 59) considera a prática de cauinagem dos Tupinambá similar à prática de symposion dos gregos. A primeira prática nunca ocorria em momentos de refeição, mas dava permissão aos protagonistas de até mesmo atear fogo na própria maloca a fim de facilitar na eclosão de emoções recalçadas; já a segunda acontecia após as refeições e configurava-se “como um espaço educativo, em que, regado ao vinho e à fruição estética possibilitada pela música e pela poesia, saberes circulavam e eram apreendidos”.

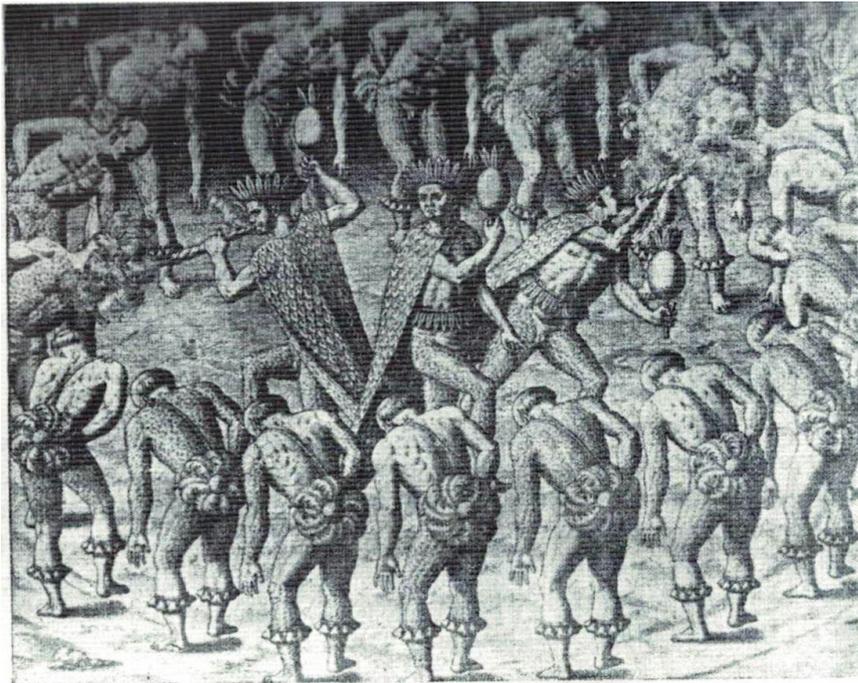
Conforme registros do Brasil Colônia, dentro da medicina indígena, Albuquerque (2012, p. 66) afirma que os alimentos também eram usados como remédios, incluindo as bebidas. Desse modo, tanto o tipo de alimento servia de remédio como também o modo de introdução dos alimentos poderia induzir ou não a uma vida saudável. Albuquerque (2012) destaca que o vinho (cauim), além de ser usado pelos Tupinambá para promover embriaguez, era usado também como um elemento primordial para a saúde. Cita-se um relato de um francês que usou a bebida para combater os sintomas de frio causados pela febre:

O vinho e a aguardente são bons para aquecer o estômago, e por isso aconselho os que lá forem que poupem muito seu vinho e aguardente para essa e outras necessidades, e não os gastem prodigamente, quando em boa saúde, em farras, mormente sendo a cerveja lá feita com milho bom, muito mais saborosa e saudável, em face do contínuo calor, do que o vinho e o aguardente (ÉVREUX, 2007, p. 129 apud ALBUQUERQUE, 2012, p. 68).

Segundo Albuquerque (2012, p. 134), os objetos e processos da produção do cauim são portadores de significações sociais e simbólicas, pois exprimem práticas de solidariedade e de comunicação não verbal, as quais geralmente não ocorrem em lucidez. Por exemplo, segundo afirma Léry (1980, p. 130), citado por Albuquerque (2012, p. 143) “enquanto os homens passam dançando um após outro,

as mulheres tinham que bebericar sofrivelmente eles servindo o cauim, [...] quantas vezes fossem necessárias para na centena de potes ali enfileirados não fique uma só gota”. Segundo Albuquerque (2012, p. 144), o homem que não conseguisse beber até que o último pote fosse esgotado era considerado efeminado. O vômito após o consumo do cauim também tinha caráter simbólico, pois representava a boa qualidade do vinho e a revigoração das forças.

Figura 5 Ritual de Cauinagem



Fonte: Léry (1980 apud ALBUQUERQUE 2012, p. 148).

Albuquerque (2012, p. 147) destaca que apesar de as crianças não poderem consumir o cauim, as cauinagens eram “acontecimentos socioeducativos. [...] Elas eram animadas pela dança, pelo canto e acompanhadas de inúmeros instrumentos musicais e ornamentos plumários”. Trata-se de um rito educativo, já que tinha regras, estética e era passado de geração a geração.

4.2 As bebidas destiladas entram em cena: dos engenhos para as aldeias

O contato com a sociedade nacional, a proximidade com os centros urbanos, a pressão sobre os territórios dos povos indígenas, a negação de direitos, o Estado

ausente e autoritário e os efeitos de tudo isso na organização sociocultural dos povos indígenas ajudam a entender o processo de fragilização das tradições de muitas etnias. Considerando a histórica pressão sobre os povos indígenas, que se avoluma em tempos de elevada articulação do Estado com empresas transnacionais, é preciso dizer que existe muita resistência ainda, muita tradição sendo afirmada e passada de geração para geração. Mas a violência, o racismo, a negação dos nossos direitos desanimam e fazem alguns desistir. O autor analisa que

[...] para muitos destes grupos, as tradições de beber mudaram, ou pelo menos os padrões de consumo têm sido influenciados significativamente pela introdução das bebidas destiladas, o processo de pacificação, e a inserção do índio na sociedade envolvente. É por isto que estamos observando o aumento assustador das taxas de alcoolismo entre os Índios do Brasil (LANGDON, 2001, p. 87).

Entre os Xerente, o contato com as bebidas destiladas, como já dito na introdução deste trabalho, tem estreita ligação com o trabalho nos engenhos. Dessa forma, esses indígenas conheceram as cachaças destiladas por meio dos engenhos existentes em Tocantínia, quando essa região ainda era chamada Piabanha. Uma descrição de como era esse lugar pode ser encontrada em documento do município de Porto Nacional datado de 1889, no Arquivo Histórico Estadual de Goiás, em Goiânia, que menciona:

Existe neste município três Povoações a saber: O Arraial do Carmo, distante desta cidade 8 leguas, possui ainda serca de trinta cazas, existe algumas Tavernas e alguns Engenhos de se fabricar aguardente, assucar e rapaduras, de cujo gênero os proprietarios não pagão imposto. O Povoado de Piabanha, Cathechese distante desta cidade 32 léguas, possui serca de vinte cazas. Existe alli algumas Tavernas e Engenhos de fabricar aguardente, assucar e rapaduras, e seus proprietários imposto nenhum pagão. O Povoado de São Pedro Affonso, distante desta cidade 50 leguas, possui serca de 50 cazas (inclusive as de palhas assim como Carmo e Piabanha) algumas Tavernas, muitos engenhos de se fabricar aguardentes, assucar e rapaduras; no entanto imposto nenhum pagão a Fazenda [sic]².

Esses engenhos fabricavam a aguardente de forma artesanal. Alguns indígenas trabalharam nesses engenhos, muitos deles pagos com a própria bebida. Nos engenhos, além da aguardente, fabricavam-se rapadura e açúcar.

² Pesquisa realizada pela professora Rosemary Negreiros de Araújo no Arquivo Histórico Estadual de Goiás, em Goiânia, em agosto de 2013.

Já no século XX, no território Xerente, existiu um engenho quando o território estava invadido por fazendeiros e sitiantes. Em 1972, ocorreu a demarcação da Área Xerente, também chamada de Área Grande, momento em que os não indígenas foram retirados, tendo então o engenho sido desativado.

Os indígenas mais velhos lembram que enquanto as bebidas fermentadas eram feitas com as ervas, gerando uma espécie de licor natural, benéfica, a bebida produzida nos engenhos era forte e alterava muito quem dela bebia. A bebida do engenho gerava vontade de beber sem parar. Com a bebida destilada, beber deixa de ser um momento de alegria e celebração para ser um problema para os povos indígenas. Dessa forma,

Se, tradicionalmente, o uso de álcool contribuiu positivamente para a coletividade, [...] hoje ele frequentemente foge de seu uso tradicional e traz consequências negativas para a comunidade. É possível citar a violência familiar ou a violência em geral como manifestações destrutivas para os processos internos dos grupos (LANGDON, 2001, p. 87).

Entre os Xerente, a alcoolização tem ocorrido principalmente entre os jovens, os mais prejudicados com relação a ter uma vida digna, que requer direito a terra e reconhecimento de direitos. Segundo os relatos dos anciãos, os jovens são os que mais consomem bebidas destiladas como a cachaça, a exemplo da marca cachaça 51, mais comum nas vendas da região. Outras bebidas, como a cerveja, são pouco consumidas entre os Xerente.

O consumo de bebida é mais frequente quando os indígenas vão pra a cidade, embora já exista um bar em uma das aldeias, a aldeia Salto. O fato de alguns indígenas beberem em exagero repercute muito entre o povo indígena, na família e também entre os não indígenas, os quais compõem uma pequena população em relação às outras. Os não indígenas costumam generalizar alguns poucos casos, como se toda a população Xerente agisse da mesma forma. Um dos efeitos mais negativos do consumo de bebida entre os Xerente tem sido exatamente o aumento do preconceito dos não indígenas em relação ao povo Xerente. Os estereótipos negativos, já tão presentes na representação étnica, são amplificados, conforme analisado abaixo,

O uso atual de bebidas destiladas também traz consequências negativas para as relações externas ao grupo. Além dos problemas de ordem pública e judiciais trazidos pelo abuso do álcool, ele tem assumido um papel

negativo para a representação étnica dos grupos indígenas no sentido que ser alcoólatra é uma atribuição que a sociedade brasileira usa para caracterizar o índio e justificar sua exclusão social. Todos já ouvimos, mais que uma vez, certas pessoas questionando os direitos indígenas ou os programas ao favor deles, acusando-os de serem bêbados, pobres, sujos, e preguiçosos e alegando que não merecem ser respeitados. Os índios mesmos não ignoram estas acusações nem como são estereotipificados (LANGDON, 2001, p. 88).

A população não indígena, portanto, tende a empregar os termos “preguiçoso” e “cachaceiro” quando percebem um indígena numa situação de embriaguez, estigmatizando todos os povos indígenas nesses termos, como relatam as entrevistas. Em virtude disso, no interior das aldeias, indígenas que não fazem uso de bebidas destiladas, reagindo ao modo como são estereotipados injustamente, também veem com ressalvas quem bebe, ao tempo em que reconhecem que o preconceito do não indígena é inapropriado e exagerado e que não deve ser reproduzido entre os indígenas. Sobre como percebem o olhar do não indígena sobre os indígenas, os entrevistados relataram:

Pelo jeito das falas deles [não índios] de preconceito, os índios hoje né eles sofrem muito preconceito, porque os não índios acham que todo índio é cachaceiro, que bebe pinga e fica com preconceito (Adolescente A).

Hoje na nossa aldeia tem muito preconceito por parte dos brancos, porque todos os não índios acham que todos os índios são cachaceiros, que bebem muito, mas não, hoje aqui na nossa aldeia existem os religiosos, os que praticam esportes e tem aqueles que bebem né, mas o preconceito ainda existe muito por parte dos brancos com o nosso povo (Adulto e vice-cacique).

Muita das vezes eles fazem julgamento precipitado que todo índio bebe, todo índio é alcoólatra, e desse jeito acaba julgando todos aí por conta de um ou dois (Adulto e professor).

A propósito da evidência do nível de estigmatização presente na sociedade não indígena, Silva argumenta:

Nesta constatação, percebemos que a representação estruturada de que a maioria dos indígenas são alcoólatras permanece obscurecendo a realidade do consumo do álcool e mantendo os distanciamentos entre indígenas e não indígenas (SILVA, 2015, p. 229).

Os órgãos governamentais de representação indígena precisam atuar para reverter esse quadro de estigmatização dos indígenas, a partir de políticas públicas

que proporcionem uma maior interação entre os indígenas e não indígenas. Nessa mesma ótica, destacamos também o protagonismo que a comunidade pode estabelecer na luta por uma sociedade que reconheça o problema da alcoolização como um grave problema de ordem social e de saúde pública e que precisa de políticas de saúde e combate ao preconceito.

Para contornar essa situação, é imprescindível a participação dos órgãos locais de saúde, pois na atualidade, em muitos casos, os profissionais de saúde tendem a reproduzir os estigmas disseminados sobre a população indígena, de forma que os próprios indígenas não se sentem representados por esses órgãos e muito menos os reconhecem como um local de acolhimento às suas questões. Como avalia Grubitset et al. (2013), “o trabalho de prevenção e combate ao alcoolismo em comunidades indígenas não é uma tarefa fácil. Existe também um despreparo dos profissionais de saúde para a abordagem do problema da alcoolização, em todos os setores”.

Quando questionados sobre as ações realizadas pelos órgãos de saúde³ do Estado para combater a alcoolização entre os povos indígenas, os Xerente fazem as seguintes observações:

Eles não dão a mínima não, é muito fraco, eles não se preocupam, não procuram nem saber como é que anda (Não indígena que mora na aldeia).

Não existe tratamento. Assim, falta muito apoio dos órgãos de saúde para dar apoio aos indígenas, eles tinham que ter um apoio, uma conscientização né, reunir o povo e conscientizar que bebida é ruim. (Professor que bebe C).

Falta muita coisa, falta ter mais atenção, mais palestra para parar de beber, incentivar o melhor pros indígenas (Indígena viúva que bebe, Entrevista D).

Essa ausência do Estado é problemática, considerando a realidade de alguns indígenas Xerente que residem no município de Tocantínia, cuja situação de alcoolização tem demandado uma atenção especial, pois se sabe que o contato com

³ Em sua pesquisa, Chaves (2016) se empenhou em investigar as percepções dos profissionais de saúde que atuam entre o povo Akwẽ-Xerente no município de Tocantínia –Tocantins sobre o uso e o abuso de bebida alcoólica e sobre a qualidade da atenção à saúde para a prevenção e assistência a esse fenômeno.

o álcool industrializado tem provocado inúmeros malefícios sociais e à saúde, além de provocar desintegração de costumes culturais.

Nesse contexto, ressaltamos a necessidade de ações mais firmes dos órgãos que representam os povos indígenas para que haja um combate de forma contínua aos problemas da alcoolização nas comunidades indígenas, e mais especificamente na aldeia Funil, com intervenções de prevenção para identificar e diagnosticar esse fenômeno.

Na formulação dessas ações, há algumas questões sobre os Akwê que devem ser levadas em consideração. Uma delas é quanto ao autorreconhecimento do alcoolismo como um problema. Entre esse povo, a dependência de álcool só veio ser pensada de forma mais abrangente nas últimas décadas. E ainda persiste certa invisibilidade social por parte do Estado-nação através dos órgãos que tratam das questões indígenas, caso da Fundação Nacional do Índio (Funai), da Secretaria de Saúde Indígena (Sesai), entre outros.

Sendo assim, pensar o tema de alcoolização a fim de situar o problema em questão requer que se pense sobre o significado da prática de beber entre os Akwê-Xerente e o que o uso de bebidas tem causado entre os Xerente.

4.3 O olhar dos anciãos sobre o consumo de bebidas destiladas: os sonhos já diziam “a bebida alcoólica não é dos indígenas”

Os sonhos ocupam um lugar simbólico na organização sociocultural dos povos indígenas, sendo determinante para a construção de suas tradições. Sonhar com os mortos, com os mais velhos, é uma forma de contato, uma mediação para apreender o futuro.

A anciã Maria Sibâdi Xerente⁴, em sua entrevista, narrou que seu pai certa vez lhe contou que um dia sonhara com Deus anunciando para eles que a bebida a partir daquela data não iria mais servir como uma bebida integrada à tradição, e que, por isso, os índios iriam ficar bêbados e perder sua cultura, pois iriam abandonar a bebida natural, feita de ervas, para beber a bebida que embebedava.

Para a anciã Sibâdi, foi um sonho que anunciou o alcoolismo entre os indígenas. Segundo ela, seu pai sempre se lembrava do sonho para dizer que Deus

⁴ Moradora da aldeia Cercadinho possui 89 anos e muita sabedoria partilhada com seu povo.

queria dizer que a partir daquele dia os índios que bebessem tais bebidas do “branco” iriam adoecer e perder a capacidade de não se embebedarem. E anunciava: “a partir de hoje, com essas bebidas dos brancos vão se embebedar”.

Entre os Xerente, é comum ouvir os mais velhos alertarem quanto às coisas dos brancos, inclusive o meu avô nos falava que a gente iria ter dificuldades para lidar com todas as coisas que viriam. Por exemplo, iríamos ter dificuldades com tudo o que viria do branco⁵. Ele alertava que “o carro é do branco e algumas riquezas não são dos Xerente, são do branco, o dinheiro não é do Xerente, vocês não vão saber lidar com eles”.

Sendo assim, a bebida alcoólica, que também não é do indígena, oferece seus obstáculos, seus riscos, por ser do branco que iria desencadear doenças em todos os indígenas que a consumissem.

⁵ Apesar de os Xerente já estarem em contato com a sociedade envolvente há mais de três séculos, verifica-se entre os anciãos um comportamento cauteloso quanto ao que é proveniente do mundo do não indígena. Nesse sentido, observei que as narrativas dos anciãos e anciãs de hoje se relacionam com as do passado distante. Em relação à narrativa da anciã, sobre o sonho de seu pai, de que Deus afirmava que a bebida alcoólica não mais faria o mesmo efeito que anteriormente fazia aos índios, percebi uma grande aproximação com a narrativa que ouvia na minha infância e que ora é tratada como mito, ora como lenda.

Transcrevo abaixo esta narrativa, intitulada como A lenda da prosperidade econômica, por Rinaldo Mattos:

A lenda da prosperidade econômica: No começo, contam que Bdâ tocou borá (uma espécie de buzina), no mato, chamando o povo. Houve uma grande correria na aldeia, os índios chamando uns aos outros, dirigindo-se para o centro da aldeia, pegando as suas armas, etc., para irem até a mata ver o que Bdâ tinha para eles. Em lá chegando, Bdâ mostrou-lhes (pela primeira vez) uma grande manada de gado (gado vacuum) e disse-lhes: – Foi para isso que eu os chamei. Isso é para vocês. Então, contam que os índios começaram a resmungar, rejeitando a oferta e dizendo: – Não, esse bicho é muito fedido. Nós pensávamos que a oferta fosse porco do mato. Se fosse porco do mato, nós iríamos aceitar. Então, Bdâ lhes falou: –Bem, se vocês não querem, eu vou oferecer o gado para o cristão – o branco (especialmente o civilizado ao redor). Assim, quando vocês não encontrarem caça no mato, vocês vão dormir com fome. Mesmo assim, os índios foram embora, seguindo o seu caminho. Passado algum tempo, Bdâ tocou borá novamente e chamou o povo. Desta vez, ele mostrou uma manada de cavalos e jumentos e lhes fez nova oferta. Esses também eles rejeitaram, dizendo que o cavalo iria pular e derrubar o índio. Mas Bdâ voltou a insistir: – Não, fiquem com eles. Vocês vão poder colocar as cargas em cima deles e não vão precisar carregar as coisas nas costas. Nisso, apareceu um jovem que resolveu experimentar o animal e montou em cima dele. Dizem que ao primeiro pulo, o rapaz caiu. Daí todo mundo começou a resmungar: Não, esses animais vão nos matar, eles vão nos matar, e foram embora. Assim, Bdâ resolveu dar os animais também para o civilizado.

Passado mais um tempo, contam que Bdâ tocou borá novamente, e chamou o povo. Desta vez ele ofereceu a espingarda. Depois de ouvirem o tiro, os índios se espantaram e preferiram ficar com o arco e a flecha. A espingarda foi, por sua vez, também entregue ao civilizado. MATTOS, Rinaldo. **Coletânea de textos históricos sobre os Xerente**. Miracema do Tocantins – TO, 2003.

Durante as entrevistas, outro ancião, Drêkekwa, falou a mesma coisa, fazendo referência ao sonho do pai dessa anciã. Ele teve esse sonho de que Deus anunciou essa história e que pode ter alguma relação com o processo de alcoolização entre os Xerente.

A anciã Sibâdi falou, ainda, que, no passado, a bebida era carregada em cabaças, levada para outras aldeias, pois os Xerente transitavam muito de uma aldeia para outra, andavam muito. Dentro da área que hoje é demarcada, existia um engenho de fabricar cachaça, no tempo em que o território era invadido pelos “brancos”, não indígenas, e alguns índios trabalhavam nesse engenho. A anciã lembrou que o nome do dono do engenho era Sr. Agripino.

Ela disse, também, que trinta anos atrás ela bebia essa bebida, com tais misturas, e hoje tem a idade que tem, quase noventa anos. Ela bebeu essa mistura, com essas ervas, durante um período. Segundo ela, os jovens agora bebem bebidas artificiais e já adoecem, não conseguem beber nem dez anos e ficam doentes ou até morrem, como muitos já morreram.

A partir de observações e reflexões do próprio autor, a bebida artificial tem atrapalhado a cultura e a realização de rituais, principalmente entre os mais jovens. Hoje há um grande interesse da juventude pela bebida que contém álcool e, como existe um bar em uma das aldeias, a Salto Kripé, fica fácil o acesso. Agora não falta mais bebida alcoólica e com isso há o impacto familiar, em que os filhos que bebem não querem mais ouvir os pais.

O ancião Constantino Skrawê Xerente, da aldeia Boa Esperança, com 92 anos de idade, narrou que, até antes da demarcação da terra, viviam em contato com o branco e faziam festas. Mas os índios eram muito reservados quanto ao beber e colocavam a bebida em cabaças e escondiam no mato e bebiam quando apareciam outros indígenas de outras aldeias. Nunca bebiam em público, não se expunham e nem se embebedavam. Disse que hoje os jovens bebem em público e até brigam, chegando a cair no chão.

Hoje, há muitos impactos sociais em relação ao uso da bebida. Há indígenas moradores de aldeias distantes que trazem dinheiro para as compras daquilo que necessitam na aldeia. Fazem amizades com indígenas e não indígenas que bebem e costumam ficar pelas praças da cidade, ruas e calçadas e, após beberem e gastarem o dinheiro, ficam com vergonha de voltar, e mesmo ficam sem condições para voltar, sem dinheiro para o transporte, e a família também está lá sem dinheiro,

portanto sem condições de buscá-lo. Geralmente eles só voltam para casa quando algum parente os leva de volta.

O uso da bebida também tem acarretado aos indígenas a perda do emprego, seja de professor ou na saúde indígena. Alguns casos ocorreram e continua a acontecer. Antes, porém, há tentativas de mantê-los no emprego. Há notificações, chamam para conversar, mas, com tantas recaídas, acabam sendo demitidos.

Os anciãos observam que os jovens de hoje têm se distanciado da cultura, das práticas culturais dos Xerente, e essa é uma das causas que influenciam na forma como consomem a bebida. Muitos não querem mais praticar os costumes tradicionais, os cânticos são substituídos pelas músicas do branco, poucos querem ouvir e aprender as falas dos anciãos. Então, é preciso pensar formas de retomar o repasse geracional, a afirmação da cultura indígena como uma forma de enfrentamento da alcoolização. Procurar saber mais sobre o povo Xerente desde o passado, valorizar nossa cultura, situar a alcoolização frente aos ataques que esses indígenas sofrem e enfatizar a importância dos conhecimentos dos anciãos na partilha de lembranças, sonhos, mitos, história e conhecimentos gerados ao longo do tempo para as gerações presentes. Pensar o futuro como algo que se prepara no hoje, para nos organizar e atuar na luta por direitos e políticas públicas que considerem nossa voz e nossas necessidades. Tudo isso junto é um dos caminhos para encontrar saídas ao fenômeno da alcoolização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, analisamos o ato de beber enquanto um rito praticado por diferentes povos. A prática de beber em aspectos diversos foi identificada aqui como marcador cultural pelas diversas formas de socialização e de alegria que proporciona entre os grupos e povos. No entanto, também a situamos como um problema social, quando o consumo da bebida destilada desencadeou o fenômeno da alcoolização entre os Xerente, em especial na aldeia Funil Sakrêpra, localizada na Área Funil, e foco desta pesquisa.

A partir da ideia que entende o hábito de beber enquanto forma de socialização, optamos por trabalhar com o termo alcoolização, contrapondo-o ao termo alcoolismo, este considerado como uma doença crônica, fatal, progressiva, e com causas que algumas vezes não dialogam com o contexto sociocultural.

A opção por alcoolização se deu, portanto, em conformidade com a perspectiva histórica a qual aponta para a variabilidade das formas de beber, o conjunto de funções e consequências positivas e negativas que cumpre a ingestão de álcool para conjuntos sociais estratificados, e não apenas o estudo dos alcoólicos dependentes, nem os excessivos, nem os moderados, nem os abstêmios, mas sim o processo que inclui todos e que evita considerar o problema em termos de saúde e/ou enfermidade mental.

Em nosso percurso, identificamos ainda o modo como as bebidas alcoólicas passaram a fazer parte do cotidiano das aldeias impulsionando efeitos sociais negativos entre nosso povo. Ressaltamos o temor da comunidade de que essa prática venha a aumentar e se tornar comum nessa aldeia, principalmente entre adolescentes.

É fato que as primeiras experiências com a bebida entre os Akwẽ se deram através de produtos fermentados produzidas com frutos como o caju, o milho e a mandioca. Já no século XIX, com a chegada de não indígenas nas regiões circunvizinhas ao aldeamento, que já se chamava Piabanha, conviveram com os engenhos de produção de aguardente, que também produzia rapadura e açúcar. Neles, trabalhavam alguns Xerente, cuja moeda às vezes era a própria bebida.

Percebi a importância de destacar, entre as motivações encontradas neste estudo, um pouco de minhas memórias quando criança e jovem morador na aldeia Porteira. Nas minhas recordações estão minha convivência com outras crianças e

adultos, e a saudade das manifestações culturais, dos rituais, como o Dasĩpê, que é a principal festa cultural de meu povo, uma festa que reúne todos os rituais dos Akwẽ. Essa saudade se dá porque a festa tradicional é um momento de agregação, ensinamentos e celebração entre as pessoas de diversas aldeias.

Este estudo foi centrado em questões norteadoras, Foi analisado se os objetivos propostos foram alcançados. Constata-se que a relação dos Xerente com a prática de beber já não é mais a mesma. Inclusive em uma das aldeias já existe um bar, portanto deixo como reflexão o seguinte: a relação dos Xerente com a bebida alcoólica deve ser vista como um elemento colonizador ou como algo que inclui os desejos de cada um?

Por outro lado, sabe-se que durante as festas tradicionais nas aldeias, festas que concentram rituais como o Dasĩpê, os bebedores procuram consumir bebidas alcoólicas de forma discreta, pois entre os Xerente vigora a mesma ideia propagada na sociedade brasileira e no mundo inteiro de que culturalmente o uso do álcool está associado às comemorações festivas e ao lazer. Nessa ocasião, o álcool não é visto como problema. No entanto, como já afirmamos, esse consumo é regido por códigos de sociabilidade, e quando esses princípios são quebrados, como no caso da ingesta excessiva de bebidas, o álcool passa a ser visto como um elemento negativo.

Nesse sentido, busquei investigar quando o hábito de beber se tornou um problema entre os Xerente. Percebi que as implicações sociais por trás desse fenômeno, como a violência, a perda do convívio familiar e social, e a questão do preconceito, que já é presente na relação do indígena com o não indígena, tornaram-se um problema entre essas populações, mas especificamente entre as famílias que possuem membros familiares que estejam nesse estágio de uso exagerado no consumo de bebida alcoólica. Esses são os impactos familiares e sociais que o consumo de bebidas desencadeia entre nosso povo.

Nessa perspectiva, concluí que para compreendermos quando a prática de beber se torna um problema é necessário conhecermos o contexto cultural para não reproduzirmos preconceitos que tendem a estigmatizar os indígenas, a exemplo do fato de o governo federal, através da Funai, estabelecer a proibição do uso do álcool. Essa política de restrição não é eficaz e ainda pode gerar mais preconceito contra os povos indígenas, mantendo-os ainda sob uma tutela permanente.

Identifiquei ainda que o Estado não trata a problemática como uma doença e por isso não há uma política do Estado direcionada à saúde no sentido de prestar assistência aos indígenas e suas famílias que sofrem com o problema do alcoolismo. No entanto, há ações esporádicas por parte do voluntarismo de alguns organismos que não são da esfera do Estado: Igrejas e ONGs, por exemplo.

Neste trabalho, o olhar dos anciãos sobre as questões que estão na base do fenômeno da alcoolização entre os indígenas foi muito revelador. Apesar de os Xerente já estarem em contato com a sociedade envolvente há mais de três séculos, verifica-se entre os anciãos um comportamento cauteloso quanto ao que é proveniente do mundo não indígena. Nesse sentido, observei que as narrativas dos anciãos e anciãs de hoje se relacionam com as do passado distante. Em relação à narrativa da anciã, sobre o sonho de seu pai de que Deus afirmava que a bebida alcoólica não mais faria o mesmo efeito que anteriormente fazia aos índios, percebi uma grande aproximação com a narrativa que ouvia na minha infância e que ora é tratada como mito, ora como lenda.

Como aprendizado da escrita deste trabalho, em diálogo com os anciãos, vejo a importância de procurar saber mais sobre o povo Xerente desde o passado, valorizar nossa cultura, situar a alcoolização frente aos ataques que esses indígenas sofrem e enfatizar a importância dos conhecimentos dos anciãos na partilha de lembranças, sonhos, mitos, história e conhecimentos gerados ao longo do tempo para as gerações presentes, pensando o futuro como algo que se prepara no hoje. É fundamental nos fortalecer e nos organizar para atuar na luta por direitos e políticas públicas que considerem nossa voz e nossas necessidades. Tudo isso junto é um dos caminhos para encontrar saídas para o fenômeno da alcoolização.

Por fim, esta pesquisa foi um exercício de aproximação com o tema da alcoolização entre os indígenas, um exercício de pesquisa no campo da assistência social, que muito mais abriu portas de análise do que trouxe respostas. Foi um esforço de olhar para a realidade do meu povo em busca de entender a dependência de álcool entre os Xerente, em especial entre os jovens. Espera-se, assim, que este trabalho, com seus acertos e lacunas, seja um estímulo para novas pesquisas com vistas ao aprofundamento da temática e a construção coletiva de enfrentamento da alcoolização e da afirmação dos direitos dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. **Beberagens Indígenas e Educação não escolar no Brasil colonial**. Belém: Fundação Cultural do Pará, 2012.

AURELIANO André Luís Procópio; MACHADO JR Eliseu Vieira. **Alcoolismo no contexto indígena brasileiro**: mapeamento da bibliografia nacional Disponível em: <revista.antropos.com.br/.../Artigo2-Alcoolismocontextoindigenabrasileiro.pdf>. Acesso em: 12 maio 2017.

BRASIL, AGÊNCIA BRASIL. **Estudo aponta que 38% dos índios brasileiros consomem álcool**. Brasil, 2007. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/arquivo/node/360289>>. Acesso em: 05 maio 2017.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2016, p. 59.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Seminário sobre Alcoolismo e DST-AIDS entre Povos Indígenas**. Disponível em: <bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/021anais_seminario.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.

CFESS, Conselho Federal de Serviço Social. **Manifesta**: dia da luta indígena. Brasília: 2011. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/Livro_CFESSManifesta_GestaoTempodeLuta-Site.pdf>. Acesso em 10 abr. 2017.

FARIAS, Agenor. **Notícia Histórica Sobre os Akwen-Xerente**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia. Belém, 1994.

GUIMARÃES, Liliana A. M. GRUBITS, Sonia. **Alcoolismo E Violência Em Etnias Indígenas: Uma Visão Crítica Da Situação Brasileira**. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100007. Acesso em: 10 maio 2017.

GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José Angel Vera; FREIRE, Heloisa Bruna Grubits; GUIMARÃES, Liliana. **Problemática do alcoolismo nos grupos indígenas**. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/545.%20problema%20do%20alcoolismo%20nos%20grupos%20indigenas.pdf>. Acesso em: 09 set. 2016.

LANGDON, Esther Jean. O que beber, como beber e quando beber: o contexto sociocultural no alcoolismo entre as populações indígenas. In: **Seminário sobre alcoolismo e DST/AIDS entre os povos indígenas**. Brasília: Coordenação Nacional de DST e AIDS, Secretaria de Políticas de Saúde, Ministério da Saúde; 2001. p. 83-97. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/021anais_seminario.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Técnicas de Pesquisa**. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

MELO, Valéria M. C. de; GIRALDIN, Odair. Os Akwe-Xerente e a busca pela domesticação da escola. **Tellus**, ano 12, n. 22, p. 177-199, jan./jun. 2012, Campo Grande, MS (em PDF).

MILLS, C. Wriqth. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. RJ: Jorge Zahar Ed, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry, **Pesquisa social: métodos e técnicas** / Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres ... (et al.). - 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo Atlas, 2012.

SILVA, Rejane Pinheiro da. **Povos Indígenas do Tocantins: desafios contemporâneos**. Palmas: Nagô editora, 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo & PEIXOTO, Fernanda. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

SOUZA, OLIVEIRA, & KOHATSU, Marilda. In: COIMBRA JR., CEA., SANTOS, RV and ESCOBAR, AL., (Orgs.). **Epidemiologia e saúde dos povos indígenas no Brasil**. [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2005. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/bsmtd/pdf/coimbra-9788575412619-08.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de & GARNELO, LUIZA. Quando, como e o que se bebe: o processo de alcoolização entre populações indígenas do alto Rio Negro,

Brasil. Rio de Janeiro: **Cad. Saúde Pública** vol. 23, no. 7, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000700015>. Acesso em: 30 out. 2016.

SOUZA, Juberty Antonio de; OLIVEIRA, Marlene de; KOHATSU, Marilda. **O uso de bebidas alcoólicas nas sociedades indígenas**: algumas reflexões sobre os Kaingáng da bacia do rio Tibagi, Paraná. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/bsmtd/pdf/coimbra-9788575412619-08.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2016.